

EDITORIAL

Propusemos para o III Simpósio de Estética, realizado na PUCSP em Maio de 2014, o tema Linguagem artística e percepção sensível. Objetivamos discutir a importância da percepção criadora que permite estabelecer comunicação entre as artes, do olhar do artista e do leitor capazes de fundar um mundo, seja na criação seja na recepção. A tradução é um tema afins visto como uma leitura do original que projeta sobre ele um vínculo entre ele e sua tradução. A obra de arte pode ser vista como uma tradução da percepção, transformada em objeto ou mesmo em discurso.

Os movimentos artísticos do início do século XX – expressionismo, DADA, surrealismo - buscavam novas formas de expressão e com isso provocaram intensas mudanças no modo de constituir a arte e em sua função. O que queriam esses artistas significar: objetos, estados de espírito, manifestação de uma vida coletiva.

A percepção de mundo apresentada por artistas da época foi intensamente discutida por filósofos, como, Benjamin, Adorno, Merleau-Ponty e Barthes, entre outros.

Benjamin procura compreender como se dá a relação entre essa percepção e a arte (como no caso de Baudelaire), o papel das novas técnicas na criação artística (em seus textos sobre o cinema e a fotografia) e do uso da inovação das técnicas da pintura (em cartas sobre a obra de Kandinsky e Klee), assim como a influência das novas técnicas na prosa de Kafka e Proust. Adorno igualmente discute em sua monumental Teoria Estética as transformações pelas quais passa a arte no período moderno e a afirma como esfera de resistência à compulsão à identidade e como refúgio do comportamento mimético. Afirma ainda a necessidade de cada arte permanecer dentro dos limites de seus próprios modos de expressão, posição que mudará nos anos 1960.

Para Merleau-Ponty, a obra de arte é o resultado de como o artista transforma sua situação de fato. Ela é o poder humano de transfigurar a facticidade nua de uma situação dada, conferindo-lhe um sentido que ela não possuiria sem a obra. Por fim Roland Barthes refere-se a uma “fatalidade da cultura” como o reconhecimento da linguagem como fator estruturador de toda sociedade, nada escapando à amarração dessa trama.

Com base nessas breves reflexões realizamos o III Simpósio de Estética que contou com a apresentação de convidados de peso na reflexão estética nacional que apresentaram conferências e mini-cursos sobre cinema, fotografia e pintura a partir de filósofos e artistas.

Apresentamos neste número especial da Parallaxe alguns desses textos. Em ordem alfabética por nome de autor, o primeiro texto, de Eduardo Anibal Pellejero apresenta-nos uma exposição sobre o cinema, e do cinema, que procura compreender o cinema como técnica e arte. Ao mesmo tempo em que retoma certos conceitos que poderiam condenar o cinema a mera cópia da realidade, explorar seus artifícios que permitem considera-lo como meio de diversão, prazer e pensamento. O texto de Leda Tenório da Motta explora o aspecto tanto técnico quanto poético da fotografia em Roland Barthes, mostrando como este último reside naquilo que só a fotografia pode registrar. Leon Kossovitch faz de certo modo uma revisão do alcance dos conceitos tema do simpósio com ênfase na sua tentativa de abarcar os fenômenos da pintura. Aponta assim os limites de tais conceitos e indica possíveis caminhos para a leitura das imagens pictóricas. Priscila Arantes parte de autores que refletem sobre a fotografia como técnica e como arte para daí estender a abordagem para a intersecção da fotografia com outras linguagens. Por fim, o artigo de Sônia Régis Barreto, que traça um arco da história da pintura para mostra-la tanto como modo de expressão da percepção quanto como fenômeno que provocou mudanças na forma da aptidão perceptiva.

Sônia Campaner